

DOMÍNIOS CONCEPTUAIS METAFÓRICOS NA CHARGE POLÍTICA

Languisner Gomes¹

Resumo

O objetivo deste trabalho é evidenciar o fenômeno da mesclagem conceptual como processo de construção dos sentidos na linguagem não verbal. Esta discussão ancora-se nos pressupostos da Linguística Cognitiva, segundo os quais construímos sentidos ao ativarmos categorias linguísticas e elementos não linguísticos, socialmente construídos e culturalmente compartilhados. Os dados apresentados foram obtidos a partir da análise da charge do político Sarney visto como um rato, à luz das teorias cognitivas sobre linguagem e compreensão, mais especificamente a Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980) e Teoria da Mesclagem Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002). Esta pesquisa permitiu-nos a identificação de ocorrências da mesclagem, culminando em construções metafóricas. Propomos o conceito de mesclagem conceptual para designar o fenômeno que resulta nas metáforas próprias dos gêneros compostos por códigos verbais e não verbais. Pretendemos, por meio da exposição desses dados, mostrar que a junção de imagens e palavras, comumente compreendida como elemento facilitador da leitura, pode, na verdade, resultar em jogos complexos, cujas pistas nem sempre são recuperadas em um primeiro contato. Dentro desse quadro, pretendemos enfatizar a importância dos aspectos visuais (não verbais) salientes culturalmente na criação e interpretação das mesclas visuais identificadas na charge. Nossa pretensão se prende ao fato de a charge exibir vários elementos visuais relevantes culturalmente e, portanto, exige diferentes estratégias de compressão. Isso nos possibilita investigar o papel de elementos visuais na geração de sentido de mesclas visuais.

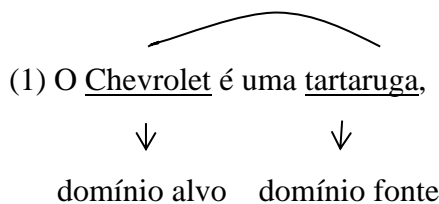
Palavras-chave: domínios conceptuais; mesclagem conceptual; metáfora; charge.

INTRODUÇÃO

Em geral, quando se pensa em domínios conceptuais da metáfora, pensa-se em textos verbais. Segundo Lakoff e Johnson (1980), a metáfora consiste de dois domínios conceptuais: um fonte e um alvo. O domínio fonte é responsável pela categorização de conceitos que determinam o que se quer dizer acerca do domínio alvo.

Por exemplo, quando dizemos (1):

¹ Professor Adjunto da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Departamento de Letras. Mestre em Linguística Aplicada (Psicolinguística) e Doutor em Linguística (Linguística Cognitiva).



estamos diante de um domínio fonte: tartaruga e todos os conceitos atrelados a ele, como lentidão, por exemplo. A escolha por um desses conceitos está diretamente ligada ao contexto no qual o enunciado apareceu. É o contexto que circunscreve a ação da metáfora. Entendemos, portanto, que o uso da metáfora, em vez de dizer diretamente que o Chevrolet é lento, é uma forma de dar uma sutileza ao que se diz, mas implica que o interlocutor esteja apto a perceber o sentido dado naquele momento. Caso contrário, a metáfora continuará a existir naquele enunciado, mas, ao não ser percebida, poderá comprometer a geração do sentido.

A partir dos estudos de Lakoff e Johnson (1980) não é mais possível dizer que a metáfora é um mero recurso estilístico que embeleza a linguagem, mas, sim, a forma como categorizarmos o mundo à nossa volta, dado que ela nos possibilita compreender um aspecto de um conceito em termos de outro. As construções que resultam dessas projeções seletivas entre domínios distintos permitem compreender a metáfora como produto das intrincadas relações biológicas, sociais, históricas e culturais nas quais o homem vive diariamente. Dessa maneira, podemos dizer que nossa experiência com o mundo é de extrema importância para os processos de construção dos sentidos.

Paredes (2003, p. 203) observa que

um ser vivo não assimila passivamente informações provenientes de um mundo externo independente de suas operações cognitivas, mas vive experiências cujas características surgem das possibilidades operacionais constituídas pela própria estrutura corporal. Em outras palavras, não se trata de perceber um mundo, mas de constituir, historicamente, experiências cognitivas.

Se isso pode ser dito acerca da linguagem verbal, da mesma forma ocorre em imagens (linguagem não verbal). É possível identificar os dois domínios conceptuais na imagem e, isso feito, pode-se determinar sua interpretação, uma vez que o domínio fonte dá a sustentação para a percepção do que se pretende dizer acerca do domínio alvo.

Neste artigo pretendemos observar como se dá a presença dos dois domínios conceptuais em textos não verbais (imagens) por dois vieses diferentes e complementares: a Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980) e a Teoria da Mesclagem Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002). A questão básica a que pretendemos responder é: como se manifestam os domínios conceptuais em uma imagem? E ainda: que relações se estabelecem para geração do sentido? Há diferentes caminhos para essas respostas, em parte, porque as pessoas pensam em diferentes coisas para um dado conceito.

Este artigo centra-se, portanto, em questões voltadas para a construção de redes de integração conceptual que procuram dar conta da interação entre expressões metafóricas pictóricas e o relacionamento entre as estruturas dos espaços nos quais as pessoas imaginativamente projetam e constituem elementos que não poderiam ser encontrados nem no domínio fonte nem no domínio alvo (provenientes da Teoria da Metáfora Conceptual (doravante TMC)). Nossa intenção é dupla: oferecer uma visão geral das possíveis mesclagens por meio da Teoria da Integração Conceptual (doravante TIC, também denominada de Teoria da Mesclagem Conceptual, ou *Blending*) e apresentar, dentre outras coisas, uma análise que faz uso desse modelo em uma linguagem não verbal (imagens). Essa análise revela que da Teoria da Integração Conceptual expandem-se os conceitos para a multimesclagem, uma rede de múltiplas relações e projeções. Muito do que é explorado pelos trabalhos nessa área com a linguagem e o pensamento provém da descoberta de que as informações trazidas para a rede operam em áreas que podem ser consideradas distintas e incomensuráveis.

Uma questão que nos chama atenção é a de projeção seletiva entre as estruturas e, com isso, exemplificaremos as possíveis conexões que nossas mentes tendem a fazer e que tipos de efeitos são produzidos. As projeções conectam os espaços (genérico, *inputs*, mescla) em situações específicas assim como as construções linguísticas. Essas projeções conectam pontos de vista diferentes, instaurando um novo ponto de vista.

No presente artigo, procuramos demonstrar que as projeções e mapeamentos envolvem uma integração conceptual e os tipos de conexões entre espaços nos permitem usar uma expressão de um domínio cognitivo como desencadeador para se referir a outros domínios. A integração conceptual desempenha um papel significativo em muitas áreas da cognição. A natureza dos mapeamentos entre domínios recebe uma atenção especial. Nosso interesse imediato é apresentar os mapeamentos interespaços e,

mesmo assim, de forma sintética, uma vez que a estrutura e os debates em torno deles sempre estarão em pauta. Percebemos que a estrutura das projeções metafóricas e mapeamentos desempenham um papel central na construção do significado, demonstrando uma capacidade imaginativa extraordinária.

Nesse sentido, apresentaremos processamentos de integração conceptual e, conseqüentemente, a arquitetura dessas integrações por meio de uma rede mínima representativa da forma como a mente humana gera o sentido para uma charge específica: a do Sarney fundido visualmente a um rato. Um ponto de destaque está na interação entre mesclagem conceptual e as imagens.

MESCLAGEM CONCEPTUAL E EXPRESSÕES METAFÓRICAS

Nesta seção, aplicam-se mesclagens conceptuais para diferentes expressões linguísticas, revisitando os aspectos teóricos atinentes à TIC. Não se trata de uma seção exhaustiva, mas de apresentação de tendências que levam à introspecção construída a partir de um conjunto de análises para formação de uma estrutura, integrando as concepções e seus recursos na (re)construção da estrutura interna de uma rede conceptual. Procura-se abordar questões relativas ao papel da TIC no processo de (re)construção do significado metafórico para em outro capítulo explorarmos esses fundamentos em análises e, assim, ampliar as possibilidades em decorrência do arcabouço conceptual da Linguística Cognitiva.

Interpretações de *cartoons*, realizadas por Fauconnier e Turner (1994) e Coulson (2005), demonstram que as projeções metafóricas podem ser representadas em expressões visuais. De acordo com Turner (1996), o processo de geração do sentido em representações não verbais é o mesmo que dos elementos verbais. A mesclagem conceptual permite uma observação da capacidade humana de criar novas ações, emoções e entendimentos (FAUCONNIER; TURNER, 1994). As representações visuais são caracterizadas por concretizarem relações conceptuais abstratas por meio de propriedades físicas, tais como forma e cor e os elementos selecionados pelo criador para envolver o leitor no processo de compreensão.

Fauconnier é o proponente da Teoria dos Espaços Mentais (doravante TEM), uma teoria cognitiva que influencia a construção do significado de tal forma que os espaços mentais implicam mapeamentos dinâmicos constituídos por correspondências

abstratas incidentes no pensamento e na linguagem e que se realizam entre elementos e relações em diferentes espaços mentais.

Para Fauconnier (1994), quando construímos qualquer interpretação, mobilizamos uma enorme quantidade de conhecimento prévio selecionado implicitamente pelo contexto, mas também não nos damos conta desse processo. Percebemos apenas a ponta do *iceberg*, que é a língua e as palavras que evocam o sentido (essa afirmação é retomada em *Mappings in Thought and Language*); imersos, encontram-se todos os recursos cognitivos dos quais precisamos para elaborar sentido e realizar a interpretação. Essa teoria busca verificar como a cognição funciona na sociedade e que conjuntos de relações são utilizados para se estabelecer a mesclagem entre espaços mentais.

Historicamente, a ideia de mesclagem conceptual tem suas raízes na teoria da metáfora. O livro de Fauconnier e Turner (2002) – *The way we think*, sobre a mesclagem conceptual é, em mais de uma forma, descendente do clássico de Lakoff e Johnson (1980). No entanto, a ênfase de Fauconnier e Turner parece ser marcadamente outra: seu livro é menos sobre metáforas e mais sobre mesclagens. O que isso significa? Enquanto as metáforas são, basicamente, projeções de um domínio fonte para um domínio alvo (estruturas duais), as mesclagens são criaturas gigantes, estendendo-se para, pelo menos, quatro espaços mentais: dois espaços de entrada, correspondendo à fonte e ao alvo nas metáforas; o espaço genérico, que contém a estrutura mental abstrata subjacente dos espaços de entrada; e a mesclagem, em que as entradas são colocadas juntas de forma a desenvolver uma estrutura emergente. Segundo Fauconnier e Turner (2002, p. 390), “a mesclagem conceptual não é algo que fazemos em adição a viver no mundo; ela é nossa forma de viver no mundo. Viver no mundo humano é ‘viver na mesclagem’ ou, antes, viver em muitas mesclagens coordenadas”.²

Outro ponto importante se refere ao fato de que, partindo da Teoria dos Espaços Mentais, Fauconnier e Turner ampliaram seus estudos, resultando na Teoria da Integração Conceptual (TIC) – ou Teoria da Mesclagem Conceptual, com reformulação de alguns de seus pressupostos que fazem emergir um novo enquadre cognitivo. Nesta teoria, a construção do significado envolve dois processos: (i) a construção de espaços mentais e (ii) o estabelecimento de mapeamentos entre esses espaços mentais. Além disso, as relações de mapeamentos são guiadas pelo contexto local. Portanto, a TIC

² Blending is not something we do in addition to living in the world; it is our means of living in the world. Living in the human world is ‘living in the blend’ or, rather, living in many coordinated blends.

deriva de duas tradições dentro da Semântica Cognitiva: a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) e a TEM. Em termos de sua arquitetura e em termos de sua preocupação central, a TIC está mais intimamente relacionada com a TEM. Isto é devido à sua dependência dos espaços mentais e da construção desses espaços como parte de sua arquitetura. No entanto, a TIC é uma teoria distinta que foi desenvolvida para dar conta de fenômenos de que a TEM e a TMC não podiam dar conta adequadamente. O ponto central da TIC é o fato de a construção do significado tipicamente envolver uma integração da estrutura que faz emergir mais que um resumo de suas partes. A TIC foi originalmente desenvolvida para dar conta da estrutura linguística e do papel da linguagem na construção do significado, particularmente, dos aspectos “criativos” da construção do significado. No entanto, as pesquisas se aplicam a outros interesses do pensamento e imaginação humanos e em tantas outras áreas da atividade humana. Fauconnier e Turner (2003, p. 6) postulam que “[...] o que está atrás da forma não é uma coisa, mas o poder humano de construir significados”.³

Nesse ambiente, a posição assumida por Fauconnier e Turner (1995, p. 3) apresenta-se como expressiva e coerente:

A mesclagem conceptual é uma operação cognitiva geral, operando sobre categorização, o fazer de hipóteses, inferências, e a origem e combinação de construções gramaticais. A mesclagem conceptual pode ser detectada na linguagem diária, expressões idiomáticas, pensamento criativo na matemática, evolução dos modelos sócio-culturais, piadas, propagandas, e outros aspectos do comportamento linguístico e não linguístico (tradução nossa).⁴

Essa citação oferece um panorama de como se configura o mecanismo para operação de uma mesclagem conceptual: além da cognição envolvida no processo de mesclagem, estamos diante de categorizações que possibilitam as inferências, primordiais para a mente criativa e para a construção de espaços que tolerem a veracidade de uma informação, por mais estranha que ela possa parecer. A mesclagem, além disso, engloba o comportamento linguístico, ou seja, as expressões verbais, e o não linguístico, as imagens.

As inferências são constitutivas desses processos cognitivos da mesclagem conceptual. Na mesclagem conceptual, a cadeia de processos geradores de mesclagens é

³ [...] what is behind form is not a thing at all but rather the human power to construct meanings.

⁴ Blending is a general cognitive operation, operating over categorization, the making of hypotheses, inference, and the origin and combining of grammatical constructions. Blending can be detected in everyday language, idioms, creative thought in mathematics, evolution of socio-cultural models, jokes, advertising, and other aspects of linguistic and nonlinguistic behavior.

inconsciente e indefinida, e essa abertura é justificável pelo poder imaginativo da cognição. No entanto, há um ponto em que o processo imaginativo repousa sobre uma interpretação.

Vejamos como se dá o processo interpretativo na seguinte expressão idiomática (EI) e sua representação visual (GOMES, 2009, p. 70-72):

Engolir sapo:

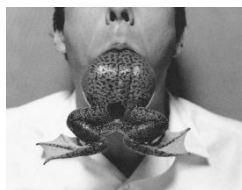


Figura 1: imagem para “engolir sapo”.

Fonte: Ballardin e Zocchio, 1999, p. 14

A expressão verbal associada aos *inputs* visuais e linguísticos da imagem permite a geração da informação. Inicialmente, o *input* visual, os dois personagens, o homem e o sapo, em uma situação em que a cabeça do sapo está na boca do homem, soma do *input* da expressão idiomática verbal (engolir sapo), levam o leitor a buscar, em seu ambiente cognitivo, informações como: a) sapos não são palatáveis, b) homens não comem sapos, c) o sapo está saindo ou entrando na boca do homem? d) o sapo na boca impede a fala do homem, e) que gosto teria esse sapo e outras tantas informações que estivessem presentes na memória do leitor. A imagem, nesse caso, precisaria ser em várias fotos que permitissem evidenciar se o sapo está entrando ou saindo e se o homem está digerindo de fato o sapo, mastigando-o, com o intuito de comê-lo.

A EI *engolir sapo*, em sua forma figurativa, revela que a pessoa está forçada a ficar calada diante de uma situação qualquer, o que é reforçado pelo *input* visual do sapo impedindo a fala do homem por estar posicionado em um local que o impede de se expressar e pela ativação do conhecimento de mundo do leitor. Sabe-se que sapos não são comestíveis. Há ainda outros indícios que podem ser notados pelo leitor, dependendo de sua capacidade inferencial e de suas vivências.

Não dá para perceber pelo *input* visual, pois o rosto do homem não está completo, se há algum mal-estar ou desaprovação. Portanto, a interpretação se dá por meio da ativação do conhecimento de mundo de quem lê a EI associada a sua DP, que pensa no mal-estar que uma pessoa pode sentir ao ter um sapo em sua boca. A análise dessa EI e sua representação visual será investigada mais detalhadamente em capítulo posterior, mas já é possível afirmarmos que a interpretação não é simplesmente

“desempacotar” a mensagem. Não basta identificar os signos, é preciso fazer inferências a partir deles. A interpretação é a junção da decodificação linguística e das informações contextuais compatíveis acessadas de acordo com o Princípio da Relevância, que garante que, em meio a inúmeras informações compatíveis com o enunciado que poderiam gerar diversas interpretações, somente sejam selecionadas aquelas que causam maior número de feitos contextuais.

Uma vez que não temos espaço para uma discussão longa, nos deteremos em uma das categorias da metáfora visual apresentada por Coimbra (2000, p. 246): a fusão. Para essa autora, a fusão consiste de

metáforas pictóricas com dois elementos pictóricos presentes, uma vez que partes do elemento do domínio fonte e partes do elemento do domínio alvo dão origem a um fenômeno de hibridismo visual. A relação metafórica surge, assim, evidenciada na criação de um novo objeto, no espaço amálgama da figura. De um modo geral, estes objetos híbridos não surgem rodeados de um contexto pictórico, i.e., inseridos num cenário, uma vez que a leitura metafórica é feita sem a sua ajuda. (COIMBRA: 2000, P. 246)

A autora apresenta a seguinte imagem para explicar esse tipo de metáfora visual:

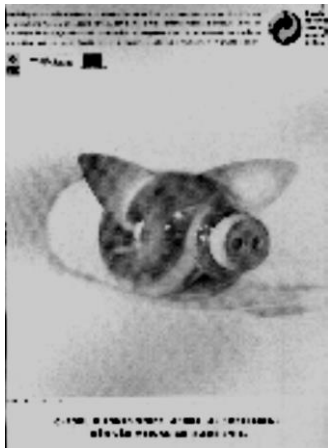


Figura 2: país-chiqueiro.

Fonte: Coimbra (2000, p. 246)

A autora analisa a imagem da seguinte maneira:

À metáfora verbal do país-chiqueiro, corresponde a metáfora pictórica de uma garrafa-porco, uma vez que a imagem do anúncio é constituída por uma garrafa de plástico descartável que surge na horizontal com umas orelhas de porco ao mesmo tempo em que a tampa apresenta dois orifícios, lembrando as narinas do animal. Deste modo, cria-se uma relação verbo-pictórica em que porco está para chiqueiro assim como embalagem descartável está para país. Os dois domínios conceptuais constituem-se como, por um lado, um Espaço de Entrada 1 (porco, chiqueiro) e, por outro lado, um Espaço de Entrada 2 (embalagem, país) que funcionam como a fonte e o alvo do processo metafórico e que, em virtude de um Espaço Genérico (elemento que

suja o ambiente em que se insere), permitem a fusão num único domínio, o Espaço (Amálgama, ou seja, permitem a imaginação de uma nova realidade país-chiqueiro, embalagem-porco) num plano inventivo e plurissignificativo. (COIMBRA, 2000, p. 246) (grifo nosso)

A partir dessas afirmações e da concepção da mesclagem como uma rede de integração conceptual, é proposto um tripé que permite ao indivíduo realizar a mesclagem conceptual, ou seja, os três Is da mente humana: *Identidade*, *Integração* e *Imaginação*, operações humanas universais (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 6). Há uma forte ligação entre esses três Is, pois por meio da *Imaginação* é possível se perceber a *Identidade* de pontos, ideias, conceitos, dentre as diversas experiências vivenciadas pelos seres humanos, e, a partir dessa *Identidade*, torna-se possível mesclar, integrar conceitos que, para todo efeito, são incompatíveis, não há nada de comum entre eles. A *Identidade* é que possibilita o reconhecimento de certa uniformidade, oposição, diferença, que dependem de um esforço da *Imaginação*.

Nessa linha, Rodrigues-Leite (2008, p. 117) deixa clara a relação entre os três Is: (1) há o papel da *Identidade* na operação cognitiva de destacar duas entidades da realidade, correlacioná-las entre si, delinear os limites de uma relação à outra, para encontrar suas semelhanças e discrepâncias; realizar operações de reconhecimento de identidades, igualdades e diferenças e assim por diante; (2) em seguida, opera-se a *Integração* entre a *Identidade* de traços semelhantes ou opostos, recorrendo-se a categorias conceptuais, cuja estrutura elaborada fornece restrições operacionais de modo a manter o significado estável (a partir de Modelos Cognitivos Idealizados); e, (3) finalmente, a ação da *Imaginação* recai sobre as operações anteriores de forma a atender às exigências locais, dinâmicas e contextuais da comunicação, realizando, por meio de dois ou mais domínios cognitivos, a configuração do sentido pretendido por um emissor.

A *Imaginação* é fundamental para a *Identidade* e a *Integração*, pois possibilita simulações imaginativas mesmo sem que haja uma motivação externa. A *Imaginação* opera com sonhos, fantasias, ficções, da mesma maneira que o faz com outras construções de sentido. Da *Integração* emerge um novo conceito que tem características dos anteriores, mas com aspectos particulares únicos.

Kövecses (2005, p. 128-129) afirma que um caso interessante de variação metafórica é o processo de mesclagem conceptual. Para esse autor, a mesclagem conceptual é um processo que vai além das metáforas conceptuais, pois pode dar conta de casos nos quais as pessoas imaginativamente constroem elementos que não podem

ser encontrados nem no domínio fonte nem no domínio-alvo. As mesclagens, afirma Kövecses, variam em seu grau de convencionalidade, mas, frequentemente, eles ocorrem em usos criativos individuais da língua e do pensamento.

Julgamos, assim, que uma diferença relevante é que o processo de integração conceptual se dá entre *espaços mentais* (TIC) e não entre *domínios* (TMC). Ao contrário dos *domínios* da Teoria da Metáfora Conceptual, que são representações mentais estáveis e gerais, os *espaços mentais* (doravante EM) da Teoria da Integração Conceptual são representações mentais temporárias que os indivíduos constroem quando pensam e falam acerca de uma determinada situação passada, presente ou futura, vivida ou imaginada, que recrutam informação de vários domínios ao mesmo tempo e do contexto, e cuja função é responder às necessidades de conceptualização, muitas vezes novas e, mesmo, únicas. Um aspecto relevante, nesse sentido, é que os espaços mentais, apesar de sua natureza fugaz e temporária, são construídos na memória de trabalho (curto prazo) e podem, também, ser armazenados na memória de longo prazo para serem ativados em momento propício. Por outro lado, o processo de integração conceptual envolve não dois domínios, como na Teoria da Metáfora Conceptual, mas, pelo menos, quatro espaços mentais – daí ser esta nova abordagem também conhecida como Teoria dos “Espaços Múltiplos”, em oposição à teoria dos “dois espaços” da metáfora conceptual.

Assim como os domínios conceptuais da metáfora, os *espaços mentais* são um constructo que têm provado serem extremamente úteis em dar conta de construções e entendimentos que subjazem a expressões linguísticas e permitem a inclusão de uma quantidade significativa de informação.

Em uma analogia apresentada por Silva (2006), a palavra espaço, nesse caso, não significa a extensão indefinida, mas um território delimitado, circunscrito. O autor faz uma analogia entre um loteamento de um terreno e a mente humana, de tal forma que a mente seria um amplo terreno repleto de lotes delimitados. Nesse vasto terreno loteado, cada espaço mental corresponderia a um lote do terreno. O autor aponta algumas outras características, ou seja, esses espaços mentais são formados momentaneamente para fins de uso localizado, são fugazes. Uma metáfora que é usada para caracterizá-los é a da *bolha de sabão*. Formam-se apenas no momento em que se está falando ou pensando e depois se desfazem. Outro fator relevante apontado pelo autor é que os EMs são constituídos de dados e informações que vão sendo adquiridos ao longo da vida com as experiências vivenciadas por cada indivíduo. A cada nova

circunstância, eles são criados e se desfazem como bolhas de sabão, sempre de acordo com a necessidade de uso do momento, autorizando e garantindo a coerência do que se pensa e do que se diz/lê.

A Teoria da Integração Conceptual agrega ao entendimento da metáfora aquilo que a metáfora conceptual deixa em aberto, ou seja, a metáfora envolve não apenas a ativação de dois domínios, não apenas correspondências, mas também uma espécie de mesclagem que permite uma projeção de material desses dois domínios (tanto do espaço fonte quanto do espaço alvo) na mesclagem (alguns autores usam o termo amálgama ou fusão) e, conseqüentemente, na estrutura emergente (inferências) em vez de ocorrer como na Teoria da Metáfora Conceptual, em que é possível apenas uma projeção direcional simples da fonte para o alvo. Tomando como base Kövecses (2002, p. 232-233), que se ancora na análise de Fauconnier e Turner, apresentamos essas projeções (figura 3):

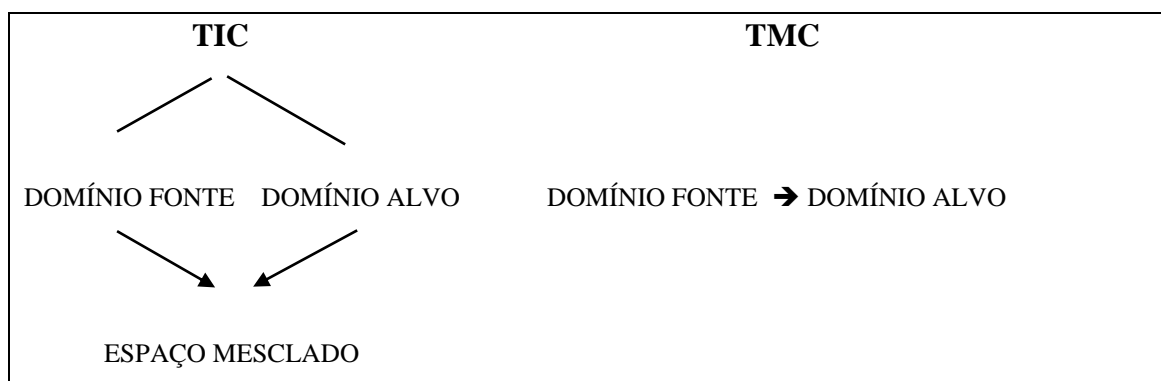


Figura 3: *blending* e metáfora.

Fonte: Kövecses (2002, p. 233)

A figura mostra que, em algumas mesclagens conceptuais, os domínios fonte e alvo podem ambos projetar elementos no espaço mesclado. Para Kövecses (2003, p. 232), o modelo de espaços múltiplos oferece muitas vantagens: (1) podemos fazer análises prévias mais precisas da metáfora; (2) podemos propiciar uma análise mais refinada de textos literários; e (3) podemos manipular melhor certos problemas que surgem em contextos referentes à análise da metáfora.

O autor cita um exemplo típico de como se dão as projeções da fonte no alvo, na seguinte expressão (2):

(2) O vapor estava saindo de suas orelhas. (*Steam was coming out of his ears*)

Na fonte, afirma o autor, há um recipiente com um fluido quente em seu interior, que produz vapor quando aquecido. No alvo, há uma pessoa que está ficando cada vez mais com raiva, mostrando sinais de perda de controle como resultado de uma causa continuada. Mas, há também um espaço mesclado de uma pessoa com raiva com vapor saindo de sua orelha. Esta mesclagem é resultado da projeção tanto da fonte quanto do alvo: o vapor vem da fonte, enquanto a cabeça de uma pessoa com orelhas vem do alvo. Não há vapor no alvo e não há cabeça com orelhas na fonte. Mas eles são fundidos em um espaço conceptual – a mesclagem.

Essa expressão emerge da metáfora A RAIVA É UM FLUIDO QUENTE EM UM RECIPIENTE (ANGER IS A HOT FLUID IN A CONTAINER) e das seguintes correspondências:

- o calor do fluido → raiva;
- o recipiente → o corpo da pessoa com raiva;
- a alta intensidade de calor → a alta intensidade de raiva;
- os sinais físicos do perigo potencial do fluido quente → os sinais comportamentais do perigo potencial da raiva;
- manter o fluido dentro do recipiente → controlar a raiva.

Sendo assim, os espaços genéricos compartilhados nos permitem estabelecer contrapartes, ou mapeamentos, como mostra a figura 4:

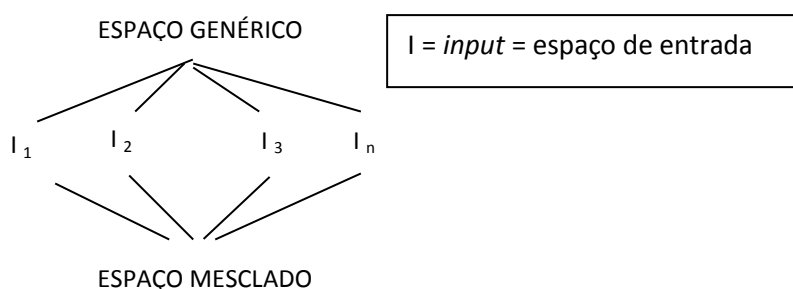


Figura 4: mesclagem entre espaços.

Fonte: Kövecses (2002, p. 232)

O que chama atenção nesse tipo de análise é o fato de que se admite a participação da TMC na composição da mescla.

Segundo Fauconnier e Turner (1994), a metáfora é um dos fenômenos que dão origem a espaços mesclados (chamado por Coimbra (1999, p. 65) de espaço amálgama), uma vez que apresenta as características apropriadas:

- projeção parcial de espaços de entrada;
- estrutura emergente na mesclagem;
- estrutura de correspondências entre os espaços de entrada;
- projeção de elementos de um domínio fonte;
- a mesclagem (amálgama) não é usualmente percebida conscientemente, mas pode ser salientada;
- tarefa cognitiva específica da construção da mesclagem (personificação, p.ex.).

Uma análise que se enseje como representativa da expressão linguística metafórica envolve uma ordem complexa das características socioculturais que são vistas não como estáticas, mas, sim, como dinâmicas, em um *continuum*. Disso decorre um exemplo (3) que é apresentado por Coimbra (1999, p. 65-66). Nele, a metáfora deixa evidente o envolvimento entre os vários espaços mentais:

(3) Ele é um autêntico peixe.

Ou seja, ao se perceber a natureza metafórica dessa expressão, temos, para a autora, o espaço fonte que inclui PEIXE e ÁGUA. O espaço genérico, mais abstrato, projetado a partir deste espaço fonte, engloba a informação de que há um agente que se move excelentemente na água. Esse espaço genérico autoriza projeções de espaços alvo específicos. O agente do espaço genérico é projetado em um ser humano no espaço alvo. O espaço mesclado tem a estrutura esquemática do espaço genérico, bem como mais informação da fonte e do alvo.

No espaço mesclado, todas as coisas que se movem eficientemente na água são peixes, incluindo os peixes reais. Isto pode parecer confuso, mas ser um verdadeiro peixe na mesclagem não é a mesma coisa que ser um verdadeiro peixe na fonte ou no alvo. Segundo Coimbra (1999), isto levanta um ponto importante: o que é verdadeiro, o que é possível, o que é real, tudo depende do espaço em relação ao qual estas questões são colocadas.

Uma nova categoria provisória foi construída no espaço mesclado, para fins locais. Ela toma forma, como é de se esperar, a partir da fonte, e, por isso, chama-se “peixe”. No espaço mesclado construído a partir de “Ele é um autêntico peixe”, algo/alguém pode ser simultaneamente um ser humano e um peixe. Essa categorização é estritamente limitada à mesclagem, não se estendendo a outros espaços. Nesse sentido,

então, é local e temporária, serve a um certo propósito específico. Em última análise, os peixes continuam a ser peixes e os homens continuam a ser homens. Isso demonstra a utilidade da aplicação deste modelo na interpretação da linguagem metafórica.

ANALISANDO UMA IMAGEM HÍBRIDA: A CHARGE

Segundo Nery (2014), as charges envolvem representações pictóricas, frequentemente legendadas, que satirizam personagem ou episódio de conhecimento público. Essas representações englobam, dentre outras coisas, a caricatura. A charge é um gênero que está diretamente ligada às práticas socioculturais de um dado momento histórico, portanto, ela é temporal; liga-se sempre ao modo como um determinado chargista transpõe para o papel uma determinada crítica a um fato relevante num dado momento. Sendo assim, ela é temporal e o leitor deverá recuperar esses dados para poder dar sentido ao que vê. Faz-se necessário recuperar de um arquivo mental, das experiências anteriormente vividas, dados que permitam as inferências, assim como recuperar historicamente um fato. Talvez um charge feita no mesmo tempo do fato ocorrido se torne mais fácil de ser compreendida, mas, passado algum tempo, as informações se perdem se não forem de fato armazenadas na memória para, posteriormente, serem recuperadas. A charge faz uso de diferentes linguagens: pictórica, literária e teatral, podendo se ater apenas a aspectos não verbais (só imagem) ou ser verbo-pictórica, envolvendo imagens e palavras. Opera com a combinação de elementos para criar uma cena, sem, necessariamente, uma sequência dos episódios. Ao contrário, a imagem, muitas vezes, exige do leitor que complemente aquilo pretendido pelo criador, supondo um começo e um desfecho temporais que, a rigor, não estão ali representados. É da memória do leitor que será dado o sentido. A imagem, portanto, como afirma Fauconnier e Turner (2002), funciona como guia. O sentido não está apenas lá na imagem, mas na memória do leitor. Apesar de o criador pretender um sentido, é na cabeça do leitor que este se materializa. Diferentes leitores, em função de suas informações prévias, podem dar diferentes sentidos a uma mesma imagem.

Apesar de a charge se referir a personagens reais ou a tipos socialmente reconhecíveis, o êxito da geração do sentido dependerá da eficiência com que leva o leitor na (re)construção do sentido.

Parece claro que a charge política situa-se além da mera função de ilustração dos eventos ou personagens da cena pública, mas há um tom de crítica, motivo pelo

qual este pequeno ensaio tem por objetivo evidenciar o fenômeno da mesclagem conceptual como processo de construção dos sentidos na linguagem não verbal.

Segundo Romualdo (2000, p. 5; 22), a charge é composta de imagens e/ou palavras, com o objetivo de transmitir múltiplas informações de forma condensada e, também, fazer críticas, usando constantemente o humor. A charge tem como característica focar uma determinada realidade, geralmente política. Dessa forma, somente o leitor que conhece essa realidade poderá compreendê-la. O leitor precisa perceber que a charge possui um elemento de função crítica não apenas social, mas fundamentalmente política (como no caso da charge que faz uma fusão entre o político Sarney e o animal rato). Convém destacar que é preciso um olhar perspicaz pelo viés do humor. Esse humor permite ao chargista uma leitura crítica da realidade política.

Levando-se em conta que a charge é uma forma de caricatura, observemos o que é dito por Stegun (2008, p. 1):

A caricatura pessoal é uma das formas de expressão caricatural e se utiliza do exagero em determinadas características físicas da pessoa. É mais comum vermos o emprego do exagero nos traços da fisionomia da pessoa caricaturada, *mas se pode eleger qualquer parte do corpo*, bem como trejeitos para serem destacados no desenho. É muito importante exagerar, *mas sem esquecer de manter traços característicos que identifiquem a pessoa caricaturada* (STEGUN: 2008, p.1. Grifo nosso.)

Um dos pontos essenciais nesse caso é “*se pode eleger qualquer parte do corpo*” e “*sem esquecer de manter traços característicos que identifiquem a pessoa caricaturada*”. Se isso não for respeitado, o objeto de crítica pode não ser identificado, e isso enfraquece o objetivo do chargista. Sendo assim, é criada uma parceria entre o leitor e o chargista.

Como exemplo disso, podemos citar uma charge (figura 5) representativa do aspecto político crítico envolvendo o presidente da Câmara, Severino Cavalcanti:



Figura 5: Charge da renúncia presidente Câmara Deputados

Fonte: Siqueri (2014)

Nesse caso, percebe-se que o corpo é do animal (o burro), tendo somente como referência ao político a cabeça. As orelhas são de burro. Quais características desse animal estão envolvidas na interpretação para geração do sentido? O animal burro pode trazer consigo informações prévias, como: difícil de ser conduzido quando sua vontade é contrária a do dono, é usado para definir pessoas com dificuldades de compreensão e assim por diante.

Segundo Siqueri (2014), a caricatura, acima (figura 5), traz o mesmo enunciado que a própria vítima, o então ex-presidente da câmara dos deputados, Severino Cavalcanti. Assim, sua fala “não saio, não renuncio, não me licencio”, se constitui a partir de um discurso primeiro, aquele no qual a “vítima” se insere, constituindo a enunciação conhecida por todos, da resistência definitiva ou temporária, demonstrada diante da possível situação de renúncia ao cargo de presidente da câmara, por estar envolvido no escândalo do mensalinho, propina recebida por Severino Cavalcanti do dono de um restaurante que funciona na Câmara dos Deputados.

A Teoria da Integração Conceptual envolve algumas maneiras de realizar as integrações entre os elementos das imagens, buscando identificar quais espaços estão ali envolvidos. Vejamos como seria possível, por essa ótica, analisarmos uma imagem contida em uma charge (figura 6) envolvendo o político Sarney. Nesse caso, temos uma mensagem verbo-pictórica, uma vez que tanto há uma linguagem não verbal (imagem) quanto uma linguagem verbal (escrita). A linguagem verbal auxilia na interpretação da imagem ou é a imagem que auxilia na interpretação da linguagem

verbal? Supomos que elas são complementares. As palavras *senado* e *desratização* englobam os dois domínios conceptuais: Sarney (que é político do Senado) e rato (desratização).

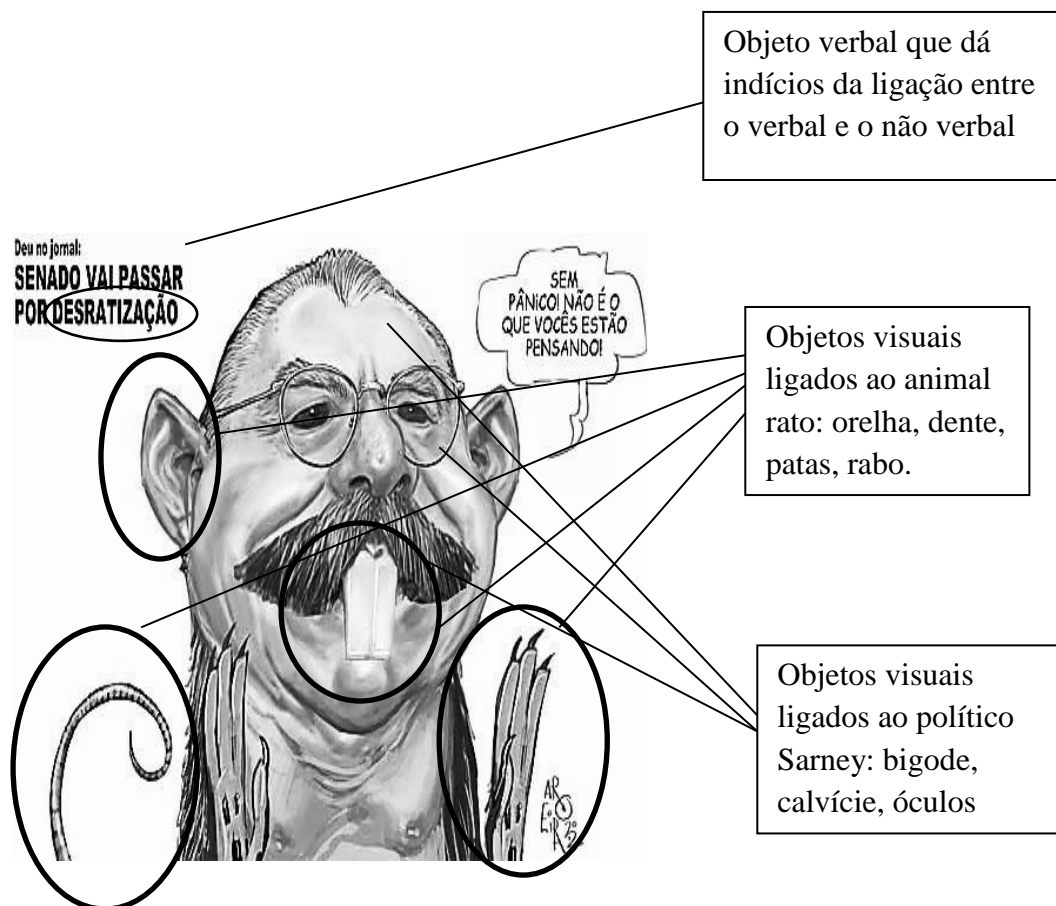


Figura 6: Sarney é um rato

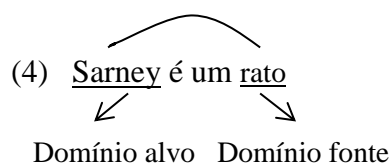
Fonte: <http://www.humorpolitico.com.br/Wp-content/uploads/2012/01/senado-sera-dedetizado-150112-aroeira-humor-político.png>

Se voltarmos nossa atenção apenas para o elemento visual (imagem), temos a junção de elementos tanto do animal rato: patas, rabo, orelhas, dentes, quanto de elementos que trazem à luz o político Sarney: óculos, calvície, bigode, que nos deixam claro tratar-se desse político, mantendo os “traços característicos que identifiquem a pessoa caricaturada” (STEGUN: 2008, p.1), criticada.

Essa charge (figura 6) envolve os aspectos abordados por Coimbra (2000, p. 246), quando definindo a categoria fusão: estamos diante de uma metáfora verbo-pictórica. A imagem possui dois elementos pictóricos explícitos. Há uma fusão entre partes do elemento do domínio fonte (o rato) e partes do elemento do domínio alvo (o

político Sarney) e isso dá origem a um fenômeno de hibridismo visual. Pode-se perceber a relação metafórica nesse novo objeto, no espaço mesclado (ou amálgama, como denominado por Coimbra). De um modo geral, estes objetos híbridos não surgem rodeados de um contexto pictórico, i.e., inseridos num cenário, uma vez que a leitura metafórica é feita sem a sua ajuda, mas há o auxílio da linguagem verbal, que acaba por criar um ambiente possível de ser circunscrito à mensagem.

Há traços na imagem que nos remetem ao animal rato e a todas as características desse animal. Temos, portanto, a metáfora (4):



Ao animal rato, estão atrelados alguns diferentes conceitos:

- Sujo;
- Ladrão, pois rouba alimentos às escondidas no meio da noite;
- Vive em ambiente sujo (esgoto, lixo);
- Repugnante (muitos têm ojeriza a ratos) ;
- Transmite doenças.

Qual desses conceitos poderá ser projetado no domínio alvo, dependerá do contexto. No caso da charge em questão, temos que levar em conta questões temporais, pois historicamente Sarney tomou decisões políticas em um determinado período que levaram o autor da charge a classificá-lo como sendo um rato. Em caso de mudança do animal, também mudaria o conceito.

A equiparação entre o personagem real e o representado na charge dá lugar a uma fusão visual híbrida, tornando, assim, possível e perceptível a *Identidade*, um dos tripés da mesclagem conceptual. A expressão pictórica revela, assim, traços da sociedade de forma crítica, sem deixar de lado o humor. Ao *Identificar* os conceitos envolvidos na imagem, o indivíduo consegue *Imaginar* uma situação de comparação entre o rato e o homem político e, com isso, *Integrar* esses conceitos, dando origem à mesclagem conceptual (o sentido).

Outro aspecto que decorre do sociocultural, nos leva a refletir que o sujeito da imagem é um político e, em geral, as pessoas associam, em função de tantas notícias negativas, a política à corrupção, desvio de dinheiro, defesa de interesses próprios e assim por diante. Isso aproxima as características associadas ao rato às do político. A questão é que a charge é temporal, ou seja, faz referência a um período específico da história, um fato relevante. Portanto, o leitor deve recuperar o fato histórico de sua memória para poder interpretar a charge e entender a intenção do autor.

Uma pergunta que nos sobressai é referente aos dois domínios envolvidos na imagem. Qual seria o domínio alvo e o domínio fonte quando diante da metáfora visual do Sarney, visto como um rato? Entendemos que o domínio fonte é o rato e é dele que partirão projeções seletivas que caracterizarão o domínio alvo – homem (Sarney). Na imagem, é necessário se identificar a figura pública do político Sarney e isso é possível por alguns traços apresentados na imagem, como o rosto e suas características próprias como os óculos, o bigode, a calvície etc. Caso não seja identificado o político, a intencionalidade do autor perde seu poder crítico. Mantem-se a comparação homem/rato, mas com um homem qualquer, quando a crítica é direcionada a alguém em específico.

Uma rede mínima que represente a geração do sentido para essa charge pode ser:

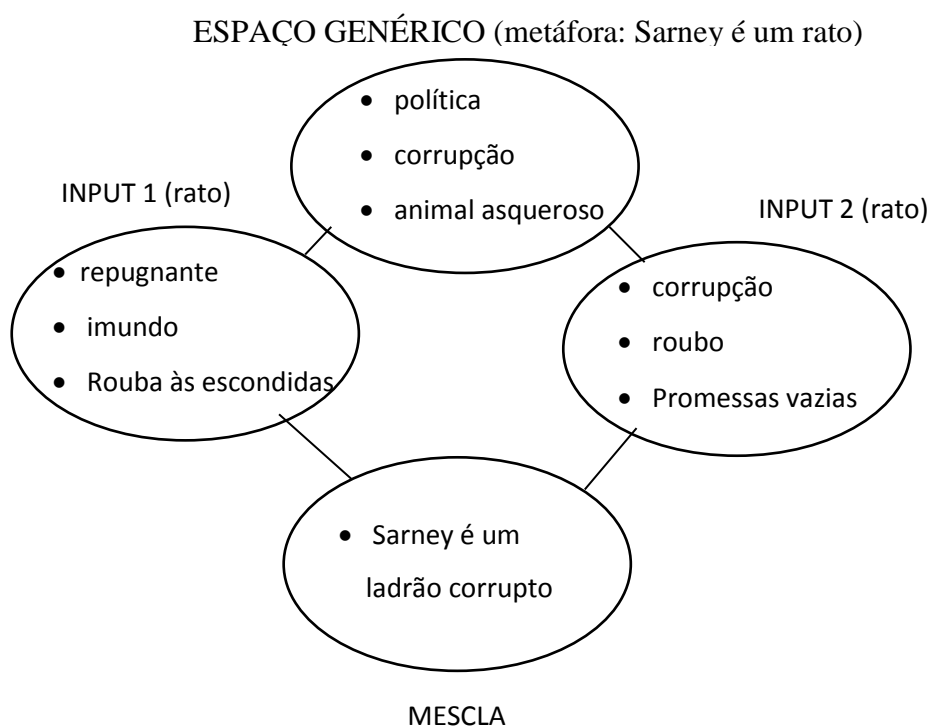


Figura 7: rede mínima para a charge “Sarney é um rato”

Há dois ambientes direcionais nessa representação (figura 7): (1) por um lado, o leitor pode levar em conta o homem político e, portanto, teríamos um *zoomorfismo*, ou seja, atribuição de características animais ao homem, e isso definiria o domínio fonte como sendo o rato e o domínio alvo o homem; (2) o leitor pode levar em conta o animal rato e, assim, teríamos um *antropomorfismo*, ou seja, atribuição de características humanas ao rato. Nesse caso, teríamos como domínio fonte o homem, e como domínio alvo, o rato. A descoberta de qual é o domínio fonte da imagem interfere diretamente na criação da rede mínima. Os seres da categoria zoomórfica representados nas charges fazem parte de um grupo de seres híbridos, que têm parte humana e parte animal.

As projeções seletivas de cada um dos *inputs* contribuem para a formação do sentido. Cada *input* está presente, total ou parcialmente, na mesclagem: uma operação criativa da mente humana que consegue retirar metaforicamente do rato os conceitos necessários para dar forma ao sentido esperado pelo criador da charge.

A partir disso, podemos afirmar, corroborando com Fauconnier (1994), que o sentido do texto não se encontra na linguagem, seja ela verbal ou não verbal, mas ela serve como “guia” na interação sociocognitiva entre os interlocutores, servem como “orientadores” que recuperam dos domínios cognitivos as situações vivenciadas ao longo da vida do leitor, e essas experiências ajudam o leitor no processo de compreensão.

Nesse caso, não podemos dizer que as pistas que conduzem a uma interpretação metafórica sejam apenas pictóricas, pois a estrutura metafórica se auxilia pela linguagem verbal. Isso nos traz à mente que as charges são compostas de imagens que, em geral, cruzam a fronteira entre o verbal e o não verbal. A charge do Sarney pode ser considerada como uma solicitação para se estabelecerem os principais espaços mentais e suas conexões. Somos levados a criar um espaço mental para representar aspectos relevantes do político Sarney, um espaço mental para representar aspectos relevantes do animal rato e um espaço de mescla, em que todos esses aspectos são integrados.

Vimos no gênero charge a oportunidade de evidenciar a teoria da mesclagem. Como postulado por Fauconnier (1994: xxii), “a linguagem não carrega significado, orienta-o”⁵, ou seja, o sentido não está ali, quer na linguagem verbal ou não

⁵ Language does not carry meaning, it guides it.

verbal, mas na mente humana, ou seja, nos construtores de espaços mentais que são acionados para aquele momento de compreensão específico. Cada nova situação exige novos espaços mentais e, por isso, o processo de compreensão dá-se à medida que conseguimos articular representações verbo-pictóricas presentes nas charges às informações armazenadas em nossa memória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do sentido, ao ser entendida como um processo cognitivo complexo e multidimensional, implica múltiplos processos que não atuam isoladamente, mas de forma coordenada seletivamente. Neste processo, fundem-se processos linguísticos e processos criativos à mente humana, exigindo a presença do pensamento/conhecimento.

A mesclagem conceptual, assim como a metáfora, não é um processo cognitivo que faz uso apenas da razão, mas leva em conta, em muito, a imaginação, em função da capacidade do ser humano de pensar, elaborar e criar conceitos que sejam necessários para a compreensão do que é visto, lido ou ouvido. Nesse sentido, os três Is da mente humana de fato se constituem no tripé da mente humana. Ao Identificar, Imagina e Integra conceitos. Assim se complementam as teorias da Metáfora Conceptual e da Integração Conceptual. Afinal, para Lakoff (1993, p. 208), “metáforas não são meras palavras... não é apenas uma questão de linguagem, mas do pensamento e raciocínio.”.

Neste artigo, analisamos, em breves palavras, o processamento cognitivo na construção da imagem, tendo como referência a Teoria da Mesclagem Conceptual, de Fauconnier e Turner (2002), buscando entender quais os traços característicos da imagem para podermos significá-la. Pudemos constatar que a imagem estudada é formada a partir de categorias que seguem uma linha prototipicamente constituída do objeto “rato”: eles são repugnantes, roubam às escondidas, vivem em tocas, envoltos em sujeira etc. Concluimos que, por meio da teoria da Integração Conceptual, a geração do sentido é resultante de um processo de Mesclagem que une traços característicos do rato e do homem, fazendo emergir o sentido proposto pelo autor. Isto ocorre devido ao aparato cognitivo humano e à sua capacidade de construir identidades e integrá-las por meio da imaginação (os três Is da mente humana), permitindo a criação de elementos novos. Acreditamos que o trabalho aqui proposto possa contribuir para os estudos dos

gêneros não verbais, no tocante à compreensão e à natureza cognitiva da imagem, bem como trazer evidências que demonstrem como construímos sentidos.

REFERÊNCIAS

BALLARDIN, E.; ZOCCHIO, M. *Pequeno dicionário de expressões idiomáticas*. São Paulo: Editora Salesiano, 1999.

COIMBRA, R. L. "Quando a garrafa é um porco: metáforas (verbo) pictóricas no texto publicitário" in *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Vol. I. Braga: APL, 2000, p. 243-253.

COULSON, S. *Extemporaneous blending: Conceptual integration in humorous discourse from talk radio*. *Style*. Vol. 39, n. 2, p. 107-122, 2005.

FAUCONNIER, G. *Mental spaces – aspects of meaning construction in natural language*. England: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *Conceptual projection and middle spaces*. Technical Report 9401. San Diego: University of California, 1994.

_____. *The way we think: Conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic, 2003.

_____. *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

KÖVECSES, Z. *Metaphor: a practical introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

_____. *Metaphor in culture – universality and variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LAKOFF, G. *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

NERY, L. *Charge: cartilha do mundo imediato*. Revista Semear 7. Disponível em http://www.letras.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/7Sem_10.html. Acesso em 03/03/2014.

PAREDES, V. *Corporalidade: um caminho no diálogo entre estudos linguísticos e filosofia*. In: *Veredas: revista de estudos linguísticos*. Juiz de Fora, v.7, n. 1 e n.2, jan./dez. 2003, p. 199-215.

RODRIGUES-LEITE, J. E. *Cognição e semântica: da representação à conceptualização*. In: MACEDO, A. C. P.; FELTES, H. P. M.; FARIAS, E. M. P. *Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos*. Caxias do Sul: Educs, 2008.

ROMUALDO, E. C. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia*. Maringá: Ed. da UEM, 2000.

SILVA, M. *Mesclagem conceitual: uma explicação possível dos bastidores da produção de textos*. Rio de Janeiro: UFF, 2006.

SIQUERI, M. S. *O funcionamento dêitico na relação verbo-visual das caricaturas políticas: possibilidades*. Disponível em: <http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao06/artigos_siqueri.php>. Acesso em: 03 mar. 2014.

STEGUN, R. *A diferença entre caricatura, charge e cartum*. Disponível em: <http://fabricarica.2it.com.br/?sec_cod=5&news_cod=1>. Acesso em: 17 fev. 2014.

TURNER, M. *The Literary Mind*. New York: Oxford University Press, 1996.